



HORIZONTE

JORNAL DO BATALHÃO 2908

JANEIRO/FEVEREIRO/MARÇO 1971

Responsabilidade do Comando B. C. 2908

Composto e impresso na
Gráfica de Casa dos Rapazes
Viana do Castelo

N.º 7

Editorial

«UM ANO»

Não queria cair em lugares comuns. Um ano ao Serviço da Pátria Portuguesa não pode ser um lugar comum. Que o digam todos os que já o cumpriram, e sentem orgulho no peito.

Um ano de dedicação e entrega total, hora a hora, minuto a minuto, sob o signo do cumprimento do dever, arrastando com tudo, engolindo sacrifícios e saudades, trazendo o conteúdo do cálice das vicissitudes. E quase sempre a sorrir. Quase sempre com os ditos chistosos de uma juventude exuberante que não quebra nunca. Não se parte. Partir-se seria ficar-se vencido, e a Esperança não deixa ninguém ficar vencido. — Altas madrugadas, noites de vigília, passos enterrados n.ºs charcos, corpos exaustos. Por dias e dias, por meses, por um ano já. Metade. Metade da fatia de glória cumprida. Um ano levaram os nossos avós de Lisboa à Índia nas naus. E ao fim de dois anos também regressaram sob os olhos assombrados de um Mundo que também os invejava. Mas Portugal continuou a singrar e o Mundo acabou por confiar Nele, por lhe seguir os passos, os estudos, o saber. O reconhecimento dessa obra fenomenal executada pelos portugueses, veio muito mais tarde. Veio quando o Mundo se viu despertado para concepções de vida até então completamente desconhecidas. Veio quando o Mundo se viu envolvido por terras e gentes e costumes de povos que também pertenciam à Humanidade, e de que jamais suspeitavam da existência. E não se diga que igualmente, a gesta gigantesca não foi executada sob o signo da humildade, sob o signo da humanidade, da compreensão, do rápido, rapidíssimo intercâmbio entre descobridores e descobertos. Assim Portugal se fez homem. Se fez adulto.

Um ano assim é um ano inapagável, é um ano que ficará na Memória de todos, para toda a vida, até mesmo para além dela, quando os filhos e os netos, em noites tranquilas, olhando o céu estrelado, rememorem as vossas aventuras por este Portugal Gigantesco. Gigante humilde e bom, capaz de todos os sacrifícios, espiritualizado, como S. Cristóvão, numa constante faina de transportar para as margens seguras dos rios profundos, os humilhados e os ofendidos, os fracos e os doentes.

(Continua na página dois)

Sob a designação de «Soldado» incluímos todos os homens que pertencem às forças armadas, quer sejam da terra, do mar ou do ar. É sempre interessante a história dos soldados através dos séculos. Na Grécia, as guerras eram um título de glória em que somente aos cidadãos era permitido o uso das armas. De facto, tão alto era o privilégio que os cidadãos custeavam todas as despesas. Só mais tarde no século V na guerra Peloponésica é que foi permitido aos escravos combaterem ao lado dos cidadãos. Começa então a aparecer o soldado mercenário; a paga é a parte que lhe cabe nos despojos ou no sangue. O Império Romano entrou em declínio quando recorreu às tropas mercenárias vindas das províncias. A ausência de amor Pátrio não os estimulava ao combate por Roma.

Na Idade Média o soldado identificava-se com o Cavaleiro na luta pelo Ideal Cristão. No século XV os Reis franceses alis-

A GLÓRIA DO SOLDADO PORTUGUÊS

tavam-se homens de armas para a guerra a troco de um soldo que em francês se chamava «solde» donde deriva a palavra «soldado» que em português deu soldado. Estes consentiam em vender-se ao que mais alta paga oferecesse.

PARA QUE SÃO PRECISOS OS SOLDADOS?

As nações podem compor-se a uma aldeia com muitas casas. Como toda a gente é honesta, não há ferrolhos nas portas, nem barras nas janelas. Tão forte é o respeito mútuo, que os vizinhos entram e saem das casas uns dos outros em plena liberdade. Uma noite, um ladrão penetra na aldeia e rouba uma casa. No dia seguinte há ferrolhos em todas as portas, desconfiança em todas as mentes e armas em todas as mãos. Há um ladrão na aldeia, Por isso é preciso que todos se defendam. Assim acontece com as nações. Como nunca se sabe o que pensa o vizinho, quais são as suas intenções, é preciso estar preparado para todas as eventualidades.

É O QUE ACONTECE NO CASO PORTUGUÊS. Respeitamos a integridade territorial dos povos vizinhos nem nos imiscuimos nos seus assuntos internos que só a eles dizem respeito. O mesmo não acontece com os territórios nossos vizinhos que acolhem bandos armados a soldo do comunismo internacional e os lança contra populações indefesas, onde semeiam o desespero, a miséria e a morte, Portugal, de armas na mão, defende os seus legítimos interesses que são afinal os interesses do mundo livre. O ocidente muito ficará a dever à coragem e ao heroísmo do soldado português.

(Continua na página três)



Editorial

«UM ANO»

Continuação da página um)

Diga-se o que se disser, não se pôde ficar indiferente, perante tais soldados, bravíssimos. Tanto mais bravos quanto arrostam com todas as adversidades empunhando o archote incandescente da sua juventude ao serviço de uma Nação que assenta a sua força na diversidade, e a sua unidade na distância entre as parcelas.

O Mundo moderno e mais todo o seu materialismo egoísta, e mais todo o peso de suas astúcias e sofismas e argumentos torpes, não conseguirá beliscar a estrutura destes punhados de jovens de excepção. Não haverá quem os vença. Muito menos ainda, estes, que fizeram um ano, pois que eu bem os tenho visto, a rir, a cantar, a preguejar até. Encharecados, de músculos retesados, a cair aqui e ali. A força, a perseverança a tenacidade e abnegação, não têm limites. Circulam como cobras, saltam como gazelas, afundam-se como focas, elevam viaturas a pulso, como elefantes.

Um ano de Glória. Um ano de Esperança. Mais um contingente de portugueses de todas as procedências, que chegou a metade da sua Missão. Hora de regozijo, hora que marca o momento de respirar fundo, intervalo para meditação, de balanço do que se fez, orçamento do que se vai fazer. Balanço e orçamento com saldo espiritual positivo de vida bem vivida, pelo bem Comum.

Servir sem espera de recompensa; eis a lição de humildade. Sofrer sem lamuriar, eis a lição de valentia; sorrir à adversidade, eis a prova de ténpera.

Não queria cair em lugares comuns ao evocar o ano ao serviço da Pátria, e quando os vejo de camuflados meio esfarrapados a empertigarem-se em «Ombro Armas» após o esforço de dias e dias, creio bem que, ao retratá-los assim, os coloco acima de todas as frases feitas, porque as ultrapassam. Ultrapassam-se mesmo a si próprios, tal a simplicidade com que tratam a galhardia e pundonor, pois que as trazem já insensivelmente ligadas ao sentimento, como a cruz que pende dos fios que trazem ao pescoço.

Nunca é demais olhá-los; observá-los. Quando cantam à «desgarrada», quando se contorcem ao som dos transistores, quando atolaços até ao peito, arfam no esforço, quando transportam sobre os ombros os camaradas exaustos e exangues.

Um ano de serviço à Pátria e à Humanidade, diga-se o que se disser. Dentro de mais algum tempo estas paragens longínquas de Portugal verão partir estes seus filhos com a emoção que a Montanha é capaz de imprimir, ao cobrir de névoa seus horizontes recortados, envolvendo-os em mistério que terá de ser explorado de novo, pelos novos. Então todos hão-de saber desdobrar-se em alegria, em conselhos aos novos, em relatos de aventuras, por vezes, exageradas, para que não se lhes apague o sabor. Até que o tempo passe; os meses e os anos. Até que lágrimas de saudade aflorem os olhos dos que cumpriram e viram os anos a passar tão depressa, e que então se revêem em seus vinte anos exuberantes, em contraste com os sinais evidentes de mais vinte anos passados. É até possível que procurem por entre um monte de velhas recordações, o amarelecido número de «O HORIZONTE» que recorda o primeiro ano de convívio, de camaradagem, de bons e

PALMITO PARA TERESA



Viana do Castelo sentiu-se orgulhosa por Maria Teresa Monteiro de Oliveira, a bonita hospedeira da TAP, ter chegado a «Vice-Rainha do Ar», em Ponta del Este, um pouco com o auxílio do traje de Moçoila da Ribeira do Lima. Tão orgulhosa que, no passado dia 14 de Março, a chamou à cidade e a homenageou com danças típicas e a oferta de um típico palmito e velas votivas, festivamente engalanadas. Recebida nos medievos Paços do Concelho, juntamente com o embaixador do Uruguai, ouviu palavras de agradecimento do presidente da Câmara, logo repetidas, durante um almoço, pelo governador civil. Além disso, fez-se fotografar junto do chafariz barroco da Praça da República, enquadrada pela arquitectura vigorosa (e única no País) da renascentista Misericórdia.

maus bocados, de perigos e de cansaços, de ameaça, de alegrias e de peripécias.

Uma réstia de sol entrará pela janela, e hão-de ver-se de novo, ao longe, os recortes dos picos da Montanha Eterna, que ficou gravada no espírito, com a profundidade de uma profunda saudade.

Luís Ataíde da Silva Banzol

PORTUGAL ESCOLHEU A VITÓRIA

«sem vontade não há esforço, sem esforço não há grandeza, sem grandeza não há vitória.»

No mundo de hoje a atracção máxima da mocidade vai para as estrelas de cinema, jogadores de futebol, ídolos da canção. O heroísmo deixou de figurar entre os valores acarinhados pela sociedade. O mundo sofre dum crise de mediocridade.

Portugal é quase o único país no mundo que escapa a essa mediocridade.

Escolheu o caminho da grandeza. Mas, Oh! Grandeza! A quantos sacrificios obrigas. Mas, Portugal, para ser grande aos olhos do mundo não olha a sacrificios. Tem os olhos postos apenas na vitória. E a vitória há-de ajoelhar a seus pés.

Quando o terrorismo alastrou em todas as frentes, todos os países ocidentais esperavam o colapso. Já se preparavam para enviar condolências. Ninguém acreditava que um país tão pequeno e de fracos recursos económicos pudesse aguentar tão pesado fardo. Mas Portugal nunca desiste. É como o mar! Nunca descansa, luta, gemer, sofre, ao ser vencido insiste e vai morder a rocha! O mar nunca descansa, nem nos lábios da noite o seu ardor amansa.

Hoje, já são muitas as vezes que se rendem à evidência. Toda a imprensa Norte-Americana salienta a «Acção de Promoção Social levada a efeito pelas Forças Armadas Portuguesas na Guiné». Os soldados portugueses, continuando a tradição dos seus antepassados segurando numa das mãos a G-3 e na outra os utensílios de trabalho, entregam-se à construção de casas, preparando assim o futuro de milhares de habitantes afectados pelo terrorismo. Em artigo publicado no «Washington Post» pode ler-se: segundo os planos aprovados estão a construir-se, em rit-

mo acelerado, grandes aldeamentos feitos de casas de cimento com quatro divisões, com escolas, posto médico e salas de convívio. Os êxitos conseguidos nos últimos 2 anos suscitaram, de forma evidente, a esperança das populações. É de notar ainda que os terroristas que atacam a Guiné são os mais bem armados e treinados de quantos combatem em África.

Em Moçambique todas as atenções estão voltadas para Cabora-Bassa. Para além do grande empreendimento económico que é, transformou-se num símbolo de progresso, de harmonia racial e de civilização. Cabora-Bassa sobre todos espalhará os seus benefícios. Será mais um movimento a atestar ao mundo o multirracismo português, solução única para os problemas africanos. Esta obra gigantesca tem sido apontada pelos nossos inimigos como um crime contra a humanidade. Que os nossos inimigos o digam, compreende-se mas que a Assembleia das Nações Unidas, promotora da paz e do progresso dos Povos, afine pelo mesmo diapazão é invivível. Mas, como os loucos tomaram um relêvo e uma influência nunca até hoje sonhada, nada é de esperar. Portugal, que sabe estar na verdade, continuará, impávido e sereno, a sua obra de civilizador de povos.

J. M. G. Pereira

PENSAMENTOS

Para o homem sensato, é durante cada dia que passa que as suas contas devem ser reguladas.

J. W. G.

• • •

Saber dar é um seguro critério de saúde mental; as pessoas generosas são raramente doentes mentais.

Dr. K. M.

A glória do soldado português

(Continuação da página um)

VIRTUDES DO SOLDADO PORTUGUÊS

- 1.º — INTEGRIDADE
- 2.º — SIMPATIA
- 3.º — ESPIRITO DE SACRIFÍCIO

INTEGRIDADE — Quando a pestilência da corrupção moral infesta, membro do Governo, governadores, funcionários públicos, administradores de grandes empresas, etc.... etc.... é ainda no exército que se encontram homens de carácter ímpoluto, fina cortesia, e pureza incorruptível. Nas civilizações decadentes é nos exércitos que ainda se encontram os últimos restos de decência, honra e respeito pela autoridade. O soldado português é humilde e íntegro, corajoso e sacrificado. Tudo faz sem um queixume. Feliz a Pátria que tais filhos tem.

SIMPATIA — Um soldado não faz um exército tal como uma andorinha não faz a primavera. O exército é uma comunidade que não admite divisão de interesses, e onde se encoraja o espírito de simpatia entre todos os camaradas. O soldado português, sem preconceitos de raças ou de cores, projectado para novas terras, leva consigo a simpatia humana e cristã que é a melhor peça da sua bagagem. Diante de novos seres, que, à primeira vista parecem tão diferentes, com os contactos diários verifica que, afinal, Deus é Pai de todos, que o sangue, as reacções e os sentimentos são iguais em todas as criaturas, só havendo diferença na cor da pele. Encontramos esta simpatia nos soldados portugueses quando, nas suas permanentes deambulações através do mato à procura do inimigo, encontram mulheres ou crianças esfomeadas, privam-se das suas próprias rações de combate para matarem a fome àquelas infelizes criaturas. É assim o soldado português.

ESPIRITO DE SACRIFÍCIO — O soldado é um homem de sacrifício. Abandona o seu lar, os seus pais, os seus familiares e amigos. Tem de suportar longas marchas através das florestas virgens, sofrer a fome e a sede, suportar longas e duras contrariedades. É uma vida, vivida só pela Pátria. É um homem que não vive para si. A sua vida é caracterizada pela renúncia, pela entrega da sua própria vontade à vontade dos outros. É o salvador da Pátria quando as espingardas entram em jogo. Como Cristo na cruz, o soldado português não perde a vida, mas dá a vida pela salvação da Pátria. E já cansado murmura, uma oração ao céu:

Os meus olhos estão magoados sob o peso das armas
Os meus pés em marcha queimam, ardem
Como não gosto de falar os homens insultam-me
Não quero erguer a mão
Não quero as lágrimas pungentes enxugar
Senhor! Tu sofreste muito mais por mim
Do que todas as legiões da terra e do mar
Deixa que eu possa pagar-te, Senhor!
A milionésima parte da tua dívida.

J. M. G. PEREIRA

UM ANO AO SERVIÇO DA PÁTRIA

21 de Fevereiro de 1970 ————— 21 de Fevereiro de 1971

Um ano passou no dobrar contínuo do tempo. Um ano que já pertence à história gloriosa do BAT. CAÇ. 298. Quando, em 21 de Fevereiro de 1970, percorrendo a rota de Vasco da Gama, o «Vera Cruz» ancorava no porto de Lourenço Marques, começava a nossa epopeia em defesa da integridade da Pátria.

Nesse dia:

Quantas perguntas fez cada um a si mesmo!...

Quantas dúvidas surgiram nos espíritos!...

Quantas incertezas e angústias apertavam os corações!...

Quantos abraços que a custo se desfizeram!...

O desconhecido que se ia enfrentar, o clima, o terreno,

Novas gentes, o inimigo traçoceiro!...

Hoje, já queimados pelo sol ardente, com o corpo endurecido por longas campanhas, esfarrapando a vida ao longo das picadas, semeando a terra com a cruz dos nossos sacrifícios, unindo-a com o suor de longas caminhadas ou regando-a com o nosso próprio sangue, temos a resposta a todas as dúvidas que bailavam no nosso espírito.

Sabemos que Moçambique é uma grande e próspera Província e tão portuguesa como qualquer outra do nosso querido Portugal! Sabemos que as gentes querem continuar a ser portuguesas e que o inimigo lança mão dos meios mais condenáveis, capazes de aterrorizar as populações indefesas, para nos roubar aquilo que os nossos antepassados, com tanto sacrifício nos legaram! Sabemos que a luta é dura, mas acreditamos na vitória. Das dificuldades da nossa missão ninguém duvida, mas a Pátria pode confiar em nós; pode contar com o esforço e o trabalho, a doação e a generosidade dos «SEMPRE EXCELENTES E VALOROSOS».

Por isso, quisemos dar ao dia de aniversário todo o brilho que ele merecia.

Às 8 horas — Houve o hastear da Bandeira Nacional, com formatura geral. Seguiu-se a leitura, às tropas em parada, do editorial deste mesmo número do jornal «Horizonte» intitulado «UM ANO», da autoria do nosso 2.º Comandante.

Às 9 horas — Houve Missa de Acção de Graças por tantos benefícios com que a Providência nos tem mimosiado. Conscientes de tal facto, ninguém quis alhear-se ao Sagrado Acontecimento, para agradecer a Deus, o facto de estarmos todos vivos, ao fim de um ano de comissão.

Às 11 horas — Refeição das praças, com a assistência de todos os Senhores Oficiais, Sargentos e Autoridade Administrativa, com a participação dos Régulos da povoação.

Às 14 horas — Desafio de futebol entre uma equipa civil e militar que terminou com a vitória dos militares por 6-1.

Às 16 horas — «Vinho de honra». Associando a população civil às festividades do Batalhão, foi distribuído vinho aos adultos e rebuçados às crianças. Escusado será dizer que o delírio foi geral...

Às 20 horas — Programa Cultural.

Foi um programa de soldados para soldados. No entanto, o nível atingido superou todas as expectativas. Parabéns aos actores que com o seu espírito de sacrifício, dedicação e generosidade tornaram possível a realização de tão brilhante espectáculo. Afinal, todos foram actores durante este ano de comissão; uns no mato, outros nas secretarias, uns nas cozinhas, outros no parque auto; todos afinal con-

tribuíram para elevar bem alto e estender ao longe o bom nome do Batalhão.

O espectáculo abriu com o «HINO DO BATALHÃO» cantado por toda a assembleia. Entretanto, uma potente câmara de televisão, transmitia as primeiras imagens, via satélite, para as cinco partes do mundo e Ilhas Adjacentes.

«O NOTICIÁRIO» era esperado com ansiedades. Todo ele recheado de piada fina, foi um dos grandes momentos do nosso espectáculo, que jamais será esquecido. Factos e acontecimentos da vida quotidiana foram notícia.

«A NOITE DE TEATRO» revelou grandes vedetas até então desconhecidas. Eram estrelas cuja luz ainda não tinha chegado até nós. Interpretaram, com grande relevo e náudio de todos, a comédia em três actos «ISTO É CÁ COMIGO». Parabéns a:

Eduardo Sêco, Victor Dinis, José Maria da Silva, Barros de Sousa, Jorge, Mesquita, Araújo e Cavaleiro, que interpretaram magistralmente os papéis de «PANTALEÃO» tipo do homem impossível; «CAMOLAS», o criado desenfado; «BONIFÁCIO», o homem complicativo; DOUTOR, médico da aldeia, DOENTE, MENDIGO e POLÍCIAS.

Eh! Fadistas! gritaram todos. Era a «NOITE DE FADO» que fez lembrar as casas de fado das vielas de Lisboa. Fado castiço interpretado por dois grandes fadistas — Loureiro e Pardal — acompanhados à viola por Mercedes da Silva, que nos mimosearam com os melhores fados da sua bagagem artística.

O programa atingiu o máximo do seu esplendor com o «MOMENTO DE POESIA», a cargo do declamador nato José Carrapatoso Távora e Poitres que nos brindou com

uma daquelas interpretações de fazer levantar toda a assembleia.

A Maria de Lourdes Modesto, sabendo das dificuldades que atravessamos, apresentou aos senhores espectadores a sua mais célebre receita de culinária com uma gama de pormenores e uma série de conselhos, que revolucionava doravante todas as ementas, mesmo as mais esquisitas, em pratos dum requinte inexecedível e dum sabor excepcional.

Não podia faltar «A NOITE DE CINEMA» com imitações magistrais de Charlot a cargo de Ribas e Lima.

Para terminar «O FOLCLORE» todo ele cheio de encanto, apresentado por um imitador de Pedro Homem de Melo. Lima foi o intérprete. Foram dançados vários números a começar pelo «MALHÃO DE ENTRADA» e a terminar com o «VIRA DO MINHO». No intervalo o conjunto típico «OS TRÊS LACRAUS» — Silva ao acordeão, Fernandes à viola, Sêco aos ferrinhos, interpretou as suas melhores canções.

A fechar o nosso 2.º Comandante dirigiu-nos palavras de incitamento para continuarmos estes brilhantes espectáculos.

J. M. G. Pereira

SOLUÇÕES DO PROBLEMA N.º 4

Horizontais — 1 — Posterioridade. 2 — Ré; Alivia; Ecos. 3 — Esclerótica; if. 4 — Atrac; Avida. 5 — Neo; Trovador. 6 — Tari; Ara; TVE. 7 — Omar; Dor. — 8 — Cal; Gineta. 9 — Ibo; Ugro; Lalim. 10 — Ao; Oiro; Sã; Gué. 11 — Almarge; Lion. — 12 — Onoi; Ara. 13 — Eia; Cianeta; Tô. 14 — Salmantenses.

Verticais — 1 — Pronunciações. 2 — Oeste; Abo; Ria. 3 — Crátalo; Anal. 4 — Tala; Ola. 5 — Electroquímica. 6 — Rir; Rim; grã; In. — 7 — Ivo; Agror; At. 8 — Oitavário; Gani. — 9 — Rai-vo; Serec. 10 — Cidadela; Até. 11 — Deado; Ota; On. 12 — AC; Artralgia. — 13 — Dói; Ivo; Te. 14 — Estocelamentos.

Prémio Governador Geral

Foi agraciado com o Prémio Gov. Geral o Soldado maqueiro ANTONIO MONTEIRO VALENTE, que foi louvado por S. Ex.^a o General Comandante da RMM, porque, durante o deslocamento de uma coluna de reabastecimentos, que sofreu sucessivos rebentamentos de minas anti-carro e anti-pessoal, não obstante a pouca experiência na especialidade, evidenciou grandes qualidades de decisão, sangue frio e força de vontade, quando em pleno campo de acção, sob sua inteira responsabilidade e por forma que veio a receber os encómios do médico da Unidade, prestou, a dois feridos graves socorros que contribuíram de modo decisivo para os salvar. Ouvindo novo rebentamento à retaguarda, quando acompanhava um deles no regresso, e temendo que houvesse mais vítimas, não hesitou em fazer seguir o ferido e dirigir-se ao local do último rebentamento, apesar de, entretanto, a viatura em que seguia ter accionado novo engenho.

Dotado de coragem, carácter, espírito de obediência e aptidão para servir nas diferentes circunstâncias, mostrou ainda abnegação, lealdade, desinteresse pela vida e sacrifício exemplar, mostrando-se digno de ocupar os postos de maior risco, pela constante e reconhecida coragem moral, pelo que muito dignifica o seu Batalhão e o Exército a que pertence.



ANTÓNIO
MONTEIRO
VALENTE

Foi agraciado com o Prémio Governador Geral o 1.º cabo electricista, ANTONIO AUGUSTO TEIXEIRA GONÇALVES, que foi louvado por S. Ex.^a o General Comandante da RMM, porque, durante vários deslocamentos de uma coluna de reabastecimentos, em itinerários com sucessivos rebentamentos de minas anti-carro e anti-pessoal, foi um elemento extraordinariamente desembaraçado e de inesgotável energia, participando voluntariamente na operação e evidenciando grandes qualidades de força de vontade e sangue frio.

Quando os engenhos explosivos implantados pelo inimigo rebentavam em várias direcções, o 1.º cabo GONÇALVES, desprezando o perigo que corria e numa admirável demonstração de vontade, deslocava-se ao longo da picada, desatolando viaturas, desempenhando, conforme as circunstâncias, qualquer missão, nomeadamente de electricista, mecânico ou condutor auto.

Dotado de coragem, carácter, espírito de obediência, aptidão para bem servir nas diferentes circunstâncias, abnegação, lealdade, desinteresse pela vida e sacrifício exemplar, mostrou-se sempre digno de ocupar os postos de maior risco, pela afirmação constante da reconhecida coragem moral, devendo ser apontado como exemplo aos seus camaradas, por ter dignificado o Batalhão e o Exército a que pertence.



ANTÓNIO
AUGUSTO
TEIXEIRA
GONÇALVES

QUADRO DE HONRA

Foram louvados pelo Ex.^{mo} COMANDANTE DE SECTOR:

- Alf. Mil — Alexandre Medina Correia
- « « — Licínio Baptista Oliveira
- « « — Sidónio Arnauth Pessoa
- 2.º Sargento — Luciano da Costa Carvalho
- 1.º cabo — António dos Santos Tomé
- « « — João Chimunde
- Soldado — Eduardo Cândido Sampaio
- « « — Álvaro Ramos Paquete

Foram louvados pelo Sr. COMANDANTE DO BATALHÃO 298:

- Fur. Mil — António Pereira Couto
- 1.º cabo — Fernando de Jesus Pinto
- « « — Fernando de Jesus Pinto
- « « — Tomás Fraga de Carvalho
- « « — José Manuel Martins
- « « — António Vitorino do Carmo
- « « — Fernando Martins de Almeida
- « « — Ernesto Soares Cardoso

Continua na
pág. seguinte

QUADRO DE HONRA

- * « — Victor Ernesto Langa
- * « — Manuel Gonçalves Pizarra
- * « — António da Conceição Machado
- * « — Luís Teixeira Ramalho
- Soldado — Agostinho Augusto Albuquerque
 - « — Estêvão Paulo Mate
 - « — Acácio Ribeiro Filipe
 - « — Caetano Vale

Foram louvados pela Ex.mo Sr. COMANDANTE DO BC/296:

- 1.º cabo — António Luis Oliveira
- Soldado — Geraldina da Silva

Continuação
da pág. cinco

Foram louvados pelo Ex.mo COMANDANTE DA CCS:

- 1.º cabo — Francisco Fausto de Carvalho
- « « — Armando Ferreira da Costa
- Soldado — Artur Marques Ribeiro
 - « — Carlos Santos Correia
 - « — Sabino Manuel Reis Gabriel

Foram louvados pelo Ex.mo COMANDANTE DO SPM 1334:

- 1.º cabo — José Carlos Ferreira
- Soldado — Albino Neves Branco
 - « — Joaquim Moreira da Silva
 - « — Manuel Alves Leite
 - « — Celestino Oliveira
 - « — Celso Mendes Teixeira
 - « — Domingos Lima da Silva

A Frelimo desacreditada

Manuel Mussa Catur, descendente dos régulos Catur, cujo nome se perde na lenda dos anos é um dos mais dignificados das terras do Niassa, voltou à sua terra e às suas gentes. O domínio dos seus antepassados ia desde Vila Cabral a Massangulo e desde o Litunde ao sul dos actuais limites do posto administrativo do Catur. Foi nomeado régulo do Catur em 1960, na sequência de muitos outros régulos, seus ascendentes, cuja memória é já lendária entre os povos.

Ao deflagrar o terrorismo, Catur, a sua família e o seu povo sofre uma opressão constante por parte dos guerrilheiros da Frelimo que lhe roubam as mulheres, lhe matam os filhos e roubaram os haveres. A incerteza, a violência, a pilhagem e o massacre reinava por todo o lado. A Frelimo, lançada numa onda de banditismo colocava o pânico em todo o povo do Catur.

Manuel Mussa Catur resolve fugir para casa dum tio Katur malaviano e leva atrás de si uma grande parte do seu povo. Uma vez no Malávi e abordado diversas vezes por agentes da Frelimo, para que faça parte do Comité Central daquela organização.

A sua recusa mereceu-lhe um sequestro. É raptado pe-

los guerrilheiros e levado até ao Niassa Central, onde é bastante maltratado. Consegue fugir para Songea, para Lilongwe, Blantyre, Fort Johnson até que regressa novamente ao Malávi. Chega ao seu conhecimento que o Niassa estava em franco progresso e que as autoridades portuguesas faziam um grande esforço para dar ao seu povo todo o bem-estar e protecção possíveis e não como dizia a Frelimo.

Sentindo-se fora da sua Pátria, das terras onde nasceu, onde estavam sepultados os seus antepassados, sujeito a opressões, a violências e a privações, decidiu voltar e apresentou-se às autoridades. Assim deixou o Malávi e partiu com a mulher, os três filhos, 4 homens e um chefe de povoação e foi apresentar-se às autoridades de Vila Cabral. Ao terem conhecimento da sua apresentação, juntaram-se a ele mais 100 pessoas, vindas do Malávi.

Catur, radiante pelo modo como foi recebido e ao ver o que se passava no Niassa, disse:

«Encontrei um Niassa mais rico e mais distante das atrocidades de que foi vítima inocente. É isto que a Frelimo não quer ver, nem sequer que se diga, pois aquela organização nada

O Régulo CATUR apresentou-se às nossas autoridades

mais serve senão a vaidade de alguns, enquanto lança na maior desgraça as vidas de tantos, num sacrifício inglório, falho de qualquer sentido e razão».

Catur afirmou que os régulos Congagira e Mecumbira estão também desejosos de regressar.

O Governador Melo Egídio mandou construir um novo aldeamento para receber todos aqueles que vierem do Malávi.

Este é um dos muitos testemunhos e exemplos de que

lutámos pela paz, pelo bem-estar das populações, pela segurança de pessoas e bens, contra a destruição dos guerrilheiros da Frelimo. A sua palavra de ordem é o saque, o massacre, a destruição daqueles que afirmam querer libertar. O exemplo de Catur é a prova evidente de que as populações não querem a guerra, nem deixar as suas terras, mas a isso são forçados pelos bandidos da Frelimo.

in «CIDADELA DE BOANE»

A MORTE DE CRISTO

(Continuação da primeira página)

rante uma morte tão rápida. É então que se dá o episódio do golpe de lança no flanco de JESUS CRISTO. Quanto à água que sai do lado após este golpe, vários autores estão de acordo em ver nela líquido pericárdico. A duração relativamente breve desta agonia pode-se explicar, tendo-se em conta torturas sofridas por Cristo após a sua condenação.

A medicina dá portanto uma descrição bastante trágica e horrível desta morte. Compreendem-se os protestos de Cicero, cerca de um século antes, contra este suplicio atroz. Compreendem-se ainda melhor quando se sabe que o legado Quintilius Varus, após a morte de Herodes, fez crucificar dois mil judeus revoltados. E que dizer da repressão devida a Tito, futuro imperador, quando do cerco de Jerusalém em 70? Houve então cerca de 500 crucificações por dia.

Quem é Miguel Murupa?

Miguel Artur Murupa, conta 30 anos de idade, é natural da povoação de Molôcué, Posto Administrativo de Naburi, circunscrição de Pebane, Distrito da Zambézia. Estudou no Seminário do Zôbue (TETE) onde concluiu o 5.º ano dos liceus. Radicou-se depois na Beira, trabalhando num jornal local e frequentando entretanto o 6.º ano dos liceus.

Segundo o próprio refere, contactou em princípio de 1962 na Rodésia com elementos dirigentes de organizações subversivas antiportuguesas, contactos esses que o levaram à TANZANIA.

Ainda, segundo ele, após curta permanência neste país, foi convidado por técnicos Ganenses em serviço na Rádio Tanzânia para locutor de secção portuguesa de Rádio Ghana, cargo que ele aceitou.

Permaneceu no Ghana durante um ano. Por essa altura escreveu para o «Special Southern African Students Programme» dos E.U.A., conhecido por «African Center», no sentido de conseguir uma bolsa de estudo para a América. Tendo sido atendido, frequentou primeiro a Universidade de LINCOLN (Oxford, Pensilvânia) durante o ano lectivo de 1963-64, tendo-se transferido seguidamente para a Universidade de Howard (Washington) onde se bacharelou em Economia e Finanças e em Sociologia. Por insistência do Dr. Mondlane, tanto sobre as entidades que subsidiaram os seus estudos como sobre ele próprio, para que regressasse à TANZANIA a fim de ser professor, durante um ano, do «Instituto Moçambicano», com a promessa de ir no ano seguinte completar a licenciatura aos E. U. A., voltou em Dezembro de 1967 a DAR-ES-SALAM. Porém em vez de ir leccionar, foi obrigado a seguir para o campo de treino da FRELIMO em NASHINGWEA onde recebeu instrução de guerra até Maio de 1968, data em que

foi incumbido de trabalhos preparatórios do «II Congresso da FRELIMO». O segundo Congresso nomeou-o adjunto do «Departamento das Relações Exteriores» passando também a fazer parte do «Comité Central» e do «Comité Executivo» da FRELIMO.

Durante o período em que ocupou este cargo, desempenhou funções no CANADÁ; E.U.A.; INGLATERRA; BELGICA; HOLANDA; SUÉCIA NORUEGA; DINAMARCA; ITÁLIA; SUÍÇA; JUGOSLÁVIA; ARGÉLIA; RAU; SUDÃO, GHANA, NIGÉRIA, e QUÉNIA, países estes onde se avistou com personalidades de relevo, deu entrevistas e tomou parte em conferências na sua qualidade de porta voz dos interesses do partido que servia.

Após regresso à TANZANIA, alegando pretender afastar-se do partido que servia e dedicar-se ao professorado, apresentou a sua demissão à FRELIMO, dando da decisão conhecimento ao Governo da TANZANIA.

Segundo afirma, o Ministério da Educação deste país ofereceu-lhe um lugar de professor no liceu de TANZANIA.

Entretanto, em Maio de 1970, foi detido pela polícia tanzaniana e entregue à FRELIMO. Internado no campo de NASHINGWEA, evadiu-se 28 dias depois com a intenção de alcançar o Quénia.

Foi de novo capturado, voltando para NASHINGWEA donde seguiu para a fronteira de MOÇAMBIQUE, sob escolta, e internado em território nacional juntamente com outros dissidentes.

Embora sujeito a observação e vigilância nas bases onde permaneceu, conseguiu no passado mês de Novembro evadir-se com um companheiro, apresentando-se ambos com as suas armas a uma patrulha militar no nor-

te do Distrito de Cabo Delgado.

Murupa fala com desembaraço, com um sorriso nos lábios quando o momento é para sorrir, com gravidade quando o assunto se reveste de gravidade. Emitiu opiniões e fez afirmações ousadas, demonstrativas de uma personalidade bem vincada e de uma maturidade política iniludível. Respondeu a todas as perguntas sem rodeios, sem a mínima sombra de receio, o que diz bem da confiança que lhe inspiram os elementos das Forças Armadas com quem está em contacto diário.

Porque saiu de Moçambique?

«Pensava ir estudar. A única ambição era estudar. Um dia fui à Rodésia, onde me aliciaram. As ideias que foram expostas mereceram a minha concordância e dispus-me a lutar por elas. Eu era muito jovem... só mais tarde comeci a compreender que me tinha enganado. Por isso fugi da FRELIMO».

Não recebeu as autoridades portuguesas?

«Não. Na FRELIMO esperava-me a morte... aqui sempre pensei alcançar o perdão. A tropa que está na linha de fogo é humana. Os militares só matam quando é absolutamente indispensável fazê-lo. Sei que assim é. Um guerrilheiro ferido sem possibilidade de se agrupar aos seus companheiros, foi mandado buscar de helicóptero e internado num hospital. Fiquei surpreendido pela forma como me receberam. Eu e um companheiro de fuga, quando vimos uma coluna de militares, pusemos as armas no chão, levantamos os braços e digirimo-nos para ela. O momento era de grande expectativa para nós. Mas quando dissemos ao que fomos disseram-nos para baixar os braços, deram-nos cigarros, depois roupas e, mais tarde comida.

Quem auxilia a Frelimo

As armas vêm da Rússia e da China, mas o conflito ideológico que existe entre estes dois países reflecte-se na direcção da FRELIMO. Os instrutores chineses, quando as armas são russas, dizem que não prestam, já foram utilizadas na última guerra. Os chineses dizem, também, que aqueles que se desviam do pensamento de Mão-Tsé-Tung não são verdadeiros revolucionários. Os russos, por sua vez, treinam na sua terra e troçam dos chineses.

Que faria a FRELIMO se os portugueses resolvessem abandonar Moçambique?

Resposta pronta: Seria o caos. A FRELIMO não tem gente preparada para a administração, nem há programas para isso estabelecidos. Onde estaria gente para administrar as repartições públicas? Chamava-se um chinês. Quem administraria os caminhos de ferro? Chamava-se outro chinês. E os problemas da língua? Os problemas do povo? Seria o caos. A política multirracial dos portugueses é um exemplo em África. O desensolamento por que Moçambique está a passar é bem demonstrativo de que este é o melhor caminho.

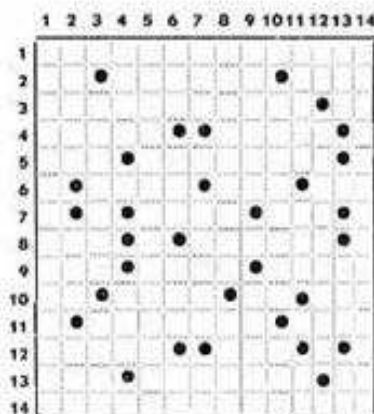
A guerra ainda se prolongará por muito tempo?

Pessoalmente, creio que a guerra está no fim. A guerra das armas. Mas a guerra que virá depois, é bem pior do que esta. Há quem pense que, ganha a guerra das armas, o problema está resolvido. Acho que não. Depois dessa virá a guerra contra o subdesenvolvimento, a guerra da instrução, dos hospitais e da construção de casas. Desde que há guerra, fez-se mais em Moçambique do que durante largos anos. É o reconhecimento da existência dos problemas que leva a tomar iniciativas. Quando não há problemas cruzam-se os braços...



PASSATEMPO





Palavras
cruzadas

Ver soluções na página quatro

O alcoolismo

A palavra «bêbado» foi substituída na linguagem corrente pelo termo «alcoólico» exactamente nas mesmas condições em que os «maus rapazes» já não existem numa sociedade palida, ficando a chamar-se simplesmente «delinquentes juvenis». A diferença que existe entre um «bêbado» e um «alcoólico» é esta: o «bêbado» diz que podia deixar de beber mas não quer. O «alcoólico» nem quer nem pode. O «bêbado» gosta realmente da «pieta». O «alcoólico» não gosta de mais nada. O «bêbado» procura o bom vinho, o «alcoólico» já não tem esse problema porque qualquer coisa lhe serve. Mas, a grande diferença e hoje muito em voga, é que, se o «bêbado» fôr pobre, chamam-lhe «borrachão»; se fôr rico chamam-lhe alcoólico. Aquela levam-no para a cadeia, a este a um psiquiatra. Assim, nas tabernas, passa a haver «bêbados», nas boites, hotéis e casinos, apenas alcoólicos. Com todas estas diferenças só uma coisa é difícil de apurar: qual o estado mais lastimável entre os actores desta baixa humana.

Problema n.º 4

HORIZONTAIS: 1 — Carácter do que é posterior. 2 — Mulher acusada de um crime; descarrega; repetições de sons reflectidos. 3 — Membrana branca e fibrosa, que forma a maior parte da superfície do globo ocular; nome de ilha. 4 — Missiva (inv.); avara. 5 — Prefixo designativo de novo; diz-se especialmente dos poetas da língua de oc, que floresceram desde o séc. XI ao XIV e cultivaram a poesia lírica. 6 — Licor alcoólico, resultante do suco fermentado de várias palmeiras; lugar de sacrifício; Televisão Espanhola. 7 — Nome de base no norte de Moçambique; condolência. 8 — Protóxido de cálcio; antiga insignia de capitães. 9 — Povoação do norte de Moçambique; prefixo designativo de úgrico; povoação portuguesa situada perto de Lamego. 10 — Vogal repetida; dinheiro (fig.); puro; nome de letra. 11 — Pastagem; cidade da França. 12 — Enfeitai; altar. 13 — Interjeição que indica admiração; combinação do cianogénio com um corpo simples; suino. 14 — Habitantes de Salamanca.

VERTICAIS — 1 — Actos de preanunciar; 2 — Lado do horizonte onde o Sol desaparece; extremidade; esteiro ou braço de rio, que se presta geralmente à navegação; 3 — Caba cascavel; que durou um ano; 4 — Lâmina de madeira, ou de outra substância, contra a qual se comprime uma parte do corpo, para esta se manter imóvel, como meio de cura; folha de palmeira, preparada para nela se ascrever. 5 — Parte da química que se ocupa dos fenómenos eléctricos que acompanham fenómenos químicos. 6 — Gracejar (fig.); víscera dupla; forma abreviada de grande; prefixo designativo de negação. 7 — Nome de homem; azedume; interjeição designativa de suspensão (inv.). 8 — Festa religiosa de oito dias; gemi. 9 — Enfurecer-se; nome de um planeta (inv.). 10 — Castelo forte que defende uma cidade; ainda. 11 — Cargo, funções ou dignidade de deus; povoação portuguesa; ligação (inã.). 12 — Antes de Cristo; dores nas articulações. 13 — Causa pena; três vogais diferentes; a ti. 14 — Estragos (fig.).

ALFARAÚJO

O JEEP

O jeep é, sem dúvida, a viatura militar mais célebre, desde os célebres carros de guerra romanos. Este carro extraordinário transformou a 2.ª grande guerra. O jeep do Exército Americano, alcunhado de «criada para todo o serviço dos Aliados», nasceu em 1941. A pedido de especialistas Táticos do Exército Americano, o protótipo foi estudado e depois realizado por um engenheiro de ideias luminosas de WYLLIS-OVERLAND-DELMAR G. ROSS.

Mil e quinhentas unidades foram construídas simultaneamente pela FORD e pela WYLLIS. O motor escolhido foi o clássico 4 cilindros que permitia ao jeep atingir uma velocidade de 75 milhas, ou seja quase 120 quilómetros por hora.

Equipado com uma caixa de seis velocidades e com quatro rodas motrizes, o jeep lograva trepar a boa velocidade ladeiras que faziam parar os primitivos carros

de assalto. O jeep contribuiu largamente para a vitória dos Aliados. Foi aos milhares que os jeeps desembarcaram em solo Francês em 1944.

Os Alemães, apesar de criadores da guerra motorizada, ficaram estupefactos ao enfrentarem, não uma infantaria exausta devido ao peso do material, mas sim tropas frescas e velozes, que se deslocavam de jeep. Desembarcados das lanchas ou mesmo lançados de para-quedas, os jeeps desembarçavam-se facilmente da lama e da areia. Tiveram sorte não haver minas. Além de poder ser equipado com uma metralhadora pesada anti-aérea, o jeep rebocava por vezes uma peça anti-carro, ou um aparelho de lançamento de fumas. O protótipo foi baptizado com o nome de «GENERAL PURPOSE» isto é, veículo para todos os fins. As iniciais «G — P» que se pronunciam «dji — pi» deram rapidamente lugar ao nome de: JEEP.

REPÓRTER S

ANEDOTAS

Novo rico

— A que horas é que as pessoas mais finas jantam aqui neste hotel?

— Nos mais diversos horários...

— Então não se esqueça que eu quero jantar nos mais diversos horários, nem mais nem menos um minuto!

O caso passa-se no Porto num carro que ia para o Bonfim.

Entra um janota, que se senta ao lado de uma senhora bonita e elegante. O janota distraidamente vai-se encostando demasiado à passageira. Esta mostra-se impassível e a sua impassibilidade anima o janota, que continua a encostar-se mais.

— O senhor já tem bilhete?

— Tenho sim, minha senhora.

— Então não precisa de ir ao colo...

Gargalhada geral entre todos os passageiros.

— Se me soubesse o totobola, abria uma taberna num sítio solitário.

— Mas, num local desses, não arranjavas fregueses.

— Quem te disse que eu queria fregueses!...

Mário Veiga

Curiosidades

— O eclipse do sol, em qualquer terra, não dura nunca, mais de 5 minutos.

— Nos tempos antigos, os maiores construtores de estradas foram os romanos.

— O cobre foi o primeiro metal que o homem aprendeu a trabalhar.

— Os estudos feitos sobre 4000 espécies de peixes, provaram que eles podem sofrer quase todas as doenças dos humanos e serem tratados com os mesmos remédios, que nós usamos.

— Foi a partir do ano 658 que apareceram, nas igrejas, os órgãos para acompanhamento dos cânticos religiosos.

ADÁGIOS POPULARES

Se em Março a videira não chora, chora tu.

Março marçagão, de manhã inverno e de tarde verão.

Em Março tanto durmo como faço.

Se queres bom cabaço, semeia-o em Março.

PASSATEMPO CULTURAL

O LOUVA-A-DEUS — um dos animais mais ferozes da natureza

A conhecida crueldade do louva-a-Deus e as suas bôdas trágicas têm intrigado frequentemente os naturalistas e causam medo aos que, descobrindo-o num tronco de árvore ou escondido na sombra de um muro, não podem deixar de pensar como tal encontro seria perigoso se aquele insecto tivesse as dimensões de um cão. Os seus costumes têm sido objecto de numerosas descrições, muitas fantasiosas. Mas hoje o estranho animal está suficientemente bem estudado nos seus usos e costumes para que, inclusivamente, possa ser utilizado em laboratórios para ensaios de psicofarmacologia.

Seja como for, sabe-se agora que o Louva-a-Deus é um insecto caçador e que, como tal, só captura as presas em movimento. A função visual desempenha nele, portanto, um papel muito mais importante do que o olfacto para a detecção e identificação da presa ou do parceiro de sexo diferente. Esta referenciação visual é possível graças aos múltiplos olhos dos seus olhos, de grandes dimensões, e que cobrem um extenso campo devido à sua posição simultaneamente anterior e lateral. Por outro lado, a cabeça é extremamente móvel e o tórax é capaz de flexir, quase em ângulo recto, sobre o abdómen. O louva-a-Deus é capaz de avaliar se um adversário é perigoso ou não, depois de o ter seguido, absolutamente imóvel, com os olhos.

Assim, quando se opõem dois Louva-a-Deus, fêmeas de igual agressividade, depois de algumas tentativas recíprocas de captura, vê-se um dos animais, por vezes os dois, adoptar a atitude de combate: as patas raptoras coladas ao tórax em rotação externa e as asas afastadas vibrando com contracções rítmicas do abdómen. Isto provoca um ruído característico, e esta atitude nunca é adaptada a um macho ou a um insecto pouco perigoso para que se possa interpretar como um reflexo de medo.

Por outro lado, a cerimónia que acompanha a matança e consumo das presas varia conforme a natureza destas: quaisquer insectos,

depois de sólidamente imobilizados pelas patas raptoras, são devorados de qualquer maneira. Quando se trata de outra fêmea, porém a captura e o acto de a devorar efectua-se numa ordem imutável: durante a primeira fase, a fêmea mais fraca é imobilizada pelo abdómen e pelas patas raptoras. Quando a presa está fixa pelas patas raptoras e pelo tórax, a cabeça fica igualmente segura e o louva-a-Deus mais forte começa a sectionar o pedaço. O vencedor arranca depois a cabeça da sua vítima. Decapitado o adversário segue-se a refeição...

Os últimos estudos científicos sobre o assunto demonstram que nem sempre o amor entre um casal do louva-a-Deus termina com a fêmea a devorar o macho. Por vezes este consegue escapar e só os machos que os naturalistas da actualidade descrevem como «desastrosos» são comidos pelo companheiro.

Cura

Não há casos desesperados entre os alcoólicos desde que se usem na cura todos os meios eficientes. Estes podem ser inúmeros sob a forma de uma velha história de mil e uma variantes.

Uma vez, num leilão, procedia-se à venda de um violino. As ofertas iam de cinquenta cêntimos a dois dólares. Como a oferta era ridícula, o leiloeiro chamou um espectador e pediu-lhe para tocar no violino. Este, limpou o pé, afinou o instrumento e arrancou do velho violino encantadoras melodias. As ofertas recomeçaram e o violino foi vendido, com espanto da multidão, por trezentos dólares. Qual o motivo desta reviravolta? É que o violino «foi tocado por mão de mestre».

O mesmo acontece com o alcoólico; naquele estado não tem valor humano. É um vencido. Precisa de alguém que o ajude a encontrar-se, a restituir-lhe a confiança e, então, já afinado o seu preço é incomensurável.

J. M. G. Pereira

Sê...

1.º — **SE DIGNO** — Assume as responsabilidades dos actos que praticas e não procures esconder-te debaixo da capa de outrem ou culpar alguém inocente.

A dignidade faz parte de todo o homem que o é na verdadeira acepção da palavra.

2.º — **SE CORTES** — A cortesia não é uma coisa para ser usada só aos Domingos e com pessoas de nível social superior ao nosso.

3.º — **SE AMAVEL** — A amabilidade é própria de todo o homem educado e deve ser uma atitude espontânea e não forçada. Não te abaixes apenas para apanhar a caneta que caiu ao senhor capitão, apanha também a que caiu ao teu camarada.

4.º — **SE MODESTO** — Não lances bocas acerca dos teus feitos heróicos. Quanto mais fizeres e menos disseres, mais admirado serás.

5.º — **SE TOLERANTE** — Suporta alguma coisa injusta que te possam ter feito e lembra-te que errar é próprio do homem.

6.º — **SE CORRECTO** — Não refiles quando te dão uma ordem mesmo que penses que está mal dada, pois ser correcto quando tudo corre bem não custa. A boa educação mostra-se nas horas difíceis.

7.º — **SE PACIENTE** — Não desesperes quando vem correio e não recibes carta. Aguarda com paciência o próximo avião. Não escrevas logo a descompôr quem te não escreveu.

8.º — **SE GENEROSO** — Se estás no mata e há um teu camaradado que está cheio de sede e sem água, dá-lhe um pouco da tua, pois lembra-te que para a próxima vez poderás ser tu o necessitado.

9.º — **SE CUIDADOSO** — Cuida de ti e das coisas ao teu encargo como se fossem tuas.

10.º — **SE HOMEM** — Segue o exemplo dos bons e serás um deles. Homens de vontade forte é que Portugal precisa.

Aprenda a caçar crocodilos

As maneiras de caçar crocodilos são muito diversas. Há quem os caçe com tiros de carabina, há quem os caçe à rede, mas eu vou ensinar a maneira mais fácil de os caçar.

Para se caçar crocodilos da maneira mais simples são precisas as seguintes coisas:

Uma dúzia de pastéis de nata
Um livro de versos daqueles muito chatos
Um despertador
Uns binóculos
Uma caixa de fósforos
Uma pinça.

Com estes artigos, uma pessoa vai para perto de um rio onde hajam crocodilos, separa meia dúzia de pastéis de nata e põe-os no chão; põe o despertador para qualquer hora, começa a comer a outra meia dúzia de pastéis de nata e a ler o livro de versos. Como vai ficando com a barriga cheia e também como o livro é muito chato, adormece e deixa cair o livro para o lado.

Ora, como todo o crocodilo gosta de pastéis de nata e como lhe cheira a pastéis vai para junto do caçador e põe-se a comer os pastéis, mas, como o livro de versos está no chão põe-se a lê-lo e como o livro é muito chato adormece.

Passados momentos o despertador toca. O crocodilo como não sabe para quem serve o despertador continua a dormir; o caçador acorda sobresaltado, agarra nos binóculos ao contrário vê o crocodilo que lhe parece uma lagartixa, agarra nele com a pinça e põe-no dentro da caixa de fósforos.

Assim está explicada a maneira mais simples de se caçar crocodilos.

A. BICHO

Se cumprires estes dez mandamentos, podes considerar-te um homem com uma personalidade forte e bem vinculada.

A MORTE DE CRISTO

Hoje parece-nos estranho que antes do século XX nunca ninguém se tenha interrogado sobre como exactamente morreu Jesus Cristo. De que morrem os crucificados? Os pregos cravados nos pés e nas mãos não bastariam para provocar uma morte rápida, salvo excepções. Ora tratava-se de um suplício corrente no Império romano e que provocava a morte de maneira tão inábil como a guilhotina desse tempo. A morte de Cristo, como a de todos os crucificados, não teve de facto qualquer explicação médica antes do século XX. Apenas, de há uns trinta anos para cá, médicos e cirurgiões se debruçaram sobre este problema. Entre eles, cite-se principalmente o dr. Barbet.

A primeira indicação data da guerra de 1914-1918. Provém de um médico checo, o dr. Hyneck, que descreveu uma punição no Exército austro-alemão. Nesta punição, chamada «aufbinden», suspendia-se pelas mãos o condenado à forca. Os pés deviam apenas roçar o solo. Os braços esticados suportavam portanto todo o peso do corpo. A punição não durava muito tempo: dez minutos no máximo após o que o homem era retirado da forca. Com efeito, surgiram então contracções violentas de todos os músculos. Ao fim de algum tempo estas contracções atingiam «um estado permanente de rigidez» que impedia a caixa torácica de expelir o ar que enchia os pulmões, provocando cianose e asfixia.

O segundo testemunho data da guerra de 1939-1945. (Foram portanto precisas duas guerras mundiais para compreender medicamente os sofrimentos de Cristo...) Este testemunho foi fornecido pelos antigos deportados do campo de Dachau. Tratava-se do mesmo suplício, com a diferença de que o condenado não era desatado. A cianose e a asfixia apareciam da mesma maneira. O condenado contraía desesperadamente os braços para retomar fôlego. Mas esgotava-se, as forças abandonavam-no. Finalmente, deixava-se asfixiar. Se era muito vigoroso e prolongava demasiado o suplício, prendiam-lhe pesos aos pés. Sabemos agora de que morreu Jesus Cristo: morreu asfixiado. O seu sofrimento pode ser precisamente descrito e é digno

de campo de concentração. Mas esta resposta não resolve todos os problemas.

Com efeito, os evangelhos contam que Cristo, condenado ao meio-dia, segundo o testemunho do apóstolo João, vem a morrer às três da tarde. Deve ter ficado crucificado uma ou duas horas antes de morrer. Ora os «dependurados» citados acima ficavam em perigo de morte após dez minutos de suplício.

Mas os crucificados não eram apenas suspensos pelas mãos. Também os seus pés eram pregados. Isto implica que os condenados pudessem apesar da dor, apoiar-se nos pés erguendo-se e retomar assim a respiração. Os pés pregados permitiriam assim prolongar o suplício. Podia mesmo prolongá-lo por muito tempo: «Parece igualmente, escreve o padre Bréhant, que o sitio em que foram pregados os pés na parte vertical da cruz, terá comandado em grande medida a duração da agonia. Se os pés tivessem sido pregados muito em baixo, a morte devia surgir bastante rapidamente, dada a impossibilidade de retomar a respiração. Se tivessem sido muito em cima poder-se-ia eternizar o suplício (certos crucificados ficavam quarenta e oito horas na cruz antes de expiar), o que levaria a deixar um guarda ao pé da cruz e cansava os espectadores».

A colocação dos pregos tem por isso grande importância. Na maior parte dos quadros representando a crucificação, o Cristo é afigurado com os pregos nas palmas das mãos.

Existe nisto uma impossibilidade: o peso do corpo puxando as mãos teria levado a que estas se rasgassem. Experiências efectuadas com cadáveres mostraram-no. Para que a mão possa suportar o peso do corpo a única solução é cravar os pregos entre os ossos do corpo.

A agonia de Cristo foi, de facto, bastante breve em relação à de outros crucificados, nomeadamente à dos malfetores supliciados ao mesmo tempo que ele. Abreviaram o suplício destes para os fazer morrer antes do princípio do Sabbat, pelas seis horas da tarde. Era esta a lei. Para acelerar o fim, os romanos procediam muito simplesmente ao «erurifragium» (quebrar as pernas): por pancadas de tábuas ou barras de ferro patiam as pernas dos crucificados. Estes, não podendo apoiar-se, asfixiavam rapidamente. Admite-se que Cristo já estivesse morto quando os legionários romanos vieram quebrar as pernas dos malfetores. José d'Arimateia teria reclamado então o seu corpo a Pilatos que teria manifestado a sua surpresa pe-

(Continua na página seis)

Páscoa Feliz

Fomos, pois, sepultado com Ele a fim de morrer (para o pecado) pelo baptismo, para que, assim como Cristo ressuscitou dos mortos pela glória do Pai, assim nós vivamos uma vida nova.

(Ro. 6,4)

